

Organizadora

Fernanda Mourão

**Esta é minha
carta ao mundo**

Sobre a tradução da *Letter* de
Emily Dickinson



FALE/UFMG

Belo Horizonte

2013

Diretor da Faculdade de Letras

Luiz Francisco Dias

Vice-Diretora

Sandra Bianchet

Comissão editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Fábio Bonfim Duarte

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais

Thiago Figueiredo Landi Borges

Diagramação

Thiago Figueiredo Landi Borges

Revisão de provas

Lorena Figueiredo

ISBN

978-85-7758-223-5 (digital)

978-85-7758-222-8 (impresso)

Endreço para correspondência

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 4081

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: revisores.fale@gmail.com

site: www.lettras.ufmg.br/labed

Agradeço ao CNPq, o financiamento da pesquisa de Pós-Doutorado que deu origem a este livro.

A Sônia Queiroz, as conversas sobre edição, desde sempre.

A Lucia Castello Branco, para sempre minha orientadora.

A Sérgio, Mateus e Antônio, meus interlocutores, sempre.

Saber que não se escreve para o outro, saber que as coisas que vou escrever não me farão nunca amado por aquele que amo, saber que a escritura não compensa nada, não sublima nada, que ela está precisamente aí onde você não está – é o começo da escritura.

Roland Barthes

Sumário

- 9 Apresentação
- 13 A carta ao mundo

Cartas a Sue

- 27 Carta 238
- 31 Carta 305
- 33 Carta 306

Cartas a Higginson

- 37 Carta 260
- 39 Carta 261
- 41 Carta 265
- 43 Carta 268
- 45 Carta 271
- 47 Carta 316
- 49 Carta 330
- 51 Carta 413

Cartas ao Mestre

- 55 Carta 187
- 57 Carta 233
- 61 Carta 248

- 63 Referências



Daguerreótipo
de Emily Dickinson

Fonte:
Site "Emily
Dickinson Museum"

Apresentação

Este pequeno volume é uma proposta de tradução de algumas cartas da escritora norte-americana Emily Dickinson (1830-1886). A autora, nascida na puritana Amherst do século XIX, não publicou em vida,¹ e deixou ao morrer cerca de 1.775 poemas. Emily Dickinson, que a partir dos vinte e oito anos passa a vestir-se quase sempre de branco e a conversar com os amigos somente através da porta entreaberta – pois preferia escrever-lhes a vê-los – deixa no quarto onde viveu a maior parte da vida vários pequenos volumes ou fascículos, como foram chamados, com grande parte de sua produção recopiada a tinta. A escritora que resistiu por toda a vida à publicação edita sua própria obra e nos lega seu “livro por vir”.² Também foram encontradas e aos poucos reunidas as 1.100 cartas que, juntamente com os poemas, compõem sua obra.³ Obra que se escreveria desde sempre como carta, como carta a um mundo que nunca lhe escrevera e ao qual no entanto não podia deixar de escrever. A mulher que renuncia à vida em favor de tal tarefa não espera respostas e portanto não publica. A publicação, contudo, mais cedo ou mais tarde se daria, como parte da mesma exigência – a exigência da obra – que faz com que ela escreva.⁴

¹ À exceção de uns poucos poemas publicados à revelia da escritora, por amigos que os receberam em cartas.

² Ver BLANCHOT. *O livro por vir*.

³ A maioria do que temos hoje da correspondência da autora foi recolhida dos amigos – principalmente seu tutor literário, Thomas Higginson.

⁴ BLANCHOT. *O livro por vir*, p. 259.

Todo esse cenário foi que me instigou, desde o início, a traduzir Emily Dickinson. Fazer soar em língua portuguesa uma escrita que sempre se fez estrangeira em sua própria língua foi o desafio que me propus enfrentar em minha tese de doutorado, intitulada *117 e outros poemas: à procura da palavra de Emily Dickinson*, defendida em 2008. Esse trabalho procurou, a partir da experiência de leitura e tradução de poemas e cartas de Emily, chegar a um pensamento sobre a tradução e um modo – um método – de traduzir, uma poética extraída da própria escrita da poeta.

Algo que ficou claro desde o início da pesquisa foi que sua obra como um todo apresenta uma dimensão de carta, como veremos a seguir, e que o próprio significante *letter* – entendido como *carta* e como *letra* – perpassa toda sua escrita. Contudo, as cartas propriamente ditas acabaram por não se tornar o principal objeto de traduções na tese, constituindo, por outro lado, um importante capítulo – o Fascículo 1 – que pretendeu apresentar a escritora por meio de um pouco de sua correspondência. Aliás, apesar do crescente interesse que vemos em se traduzir Emily Dickinson atualmente, se sua produção poética mesmo assim carece de iniciativas tradutórias, constatamos que suas cartas ainda merecem muito mais atenção.

O fato é que as cartas escritas por Emily Dickinson, cujas respostas não conhecemos – pois, em sua grande maioria, curiosa e sintomaticamente, não sobreviveram – continuam a merecer uma resposta. Uma resposta que poderia ser uma leitura atenta, disposta a escutar o que o texto diz.

Segundo Salas Subirat, tradutor de Joyce para o espanhol, “Traduzir é a maneira mais atenta de ler.”⁵ Dessa forma, este trabalho nasceu como um projeto de tradução – parte do projeto de Pós-Doutorado Júnior desenvolvido sob a orientação de Lucia Castello Branco, com o apoio do CNPq e Residência Pós-Doutoral na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais –, configurando-se como um desdobramento do trabalho desenvolvido no doutorado, e que pretende deixar falar, em língua portuguesa,⁶ uma pequena amostra dessas cartas que permanecem em sua

⁵ SUBIRAT citado por CARVALHAL. *O próprio e o alheio*, p. 221.

⁶ As cartas aqui apresentadas foram traduzidas do original organizado por Johnson e seguem a numeração da referida edição, bem como a peculiar pontuação de Emily conforme estabelecido pelo editor.

grande maioria inéditas em nossa língua, e que tanto têm a nos revelar sobre a poesia e o “ato só de escrever.”⁷

Fernanda Mourão

⁷ MALLARMÉ citado por BLANCHOT. *O espaço literário*, p. 31.

A carta ao mundo

Fernanda Mourão

Em 15 de abril de 1862 Thomas Wentworth Higginson recebe a primeira carta de Emily Dickinson,⁸ acompanhada de um cartão com o nome da escritora, em lugar de assinatura, e quatro de seus poemas, entre os quais o conhecido “poema do Alabastro”, que viria a ser um dos mais importantes de sua obra.

Essa carta inaugura a relação de Emily Dickinson com aquele que seria seu “preceptor” até o fim da vida, numa correspondência que não pode ser subestimada. Higginson seria, a partir daquela primeira carta, seu maior “público” e também aquele que levaria sua obra a público, embora apenas depois da morte da escritora – já que ele nunca se sentiria à vontade diante da “estranheza” de tal obra, como renunciava aquele primeiro contato. Emily, contando então trinta e um anos, e já com uma produção de nada menos que trezentos poemas, escreve ao homem de letras profissional para perguntar se seus versos “respiravam”. Higginson, na época, colaborava em diversos jornais escrevendo sobre Emerson, Hawthorne, Lowell, James, Helen Jackson (o único escritor – no caso, escritora – com quem Dickinson se correspondeu), Whitman, Longfellow, Poe etc.

Emily toma a iniciativa de escrever a Higginson ao ler, no *Atlantic Monthly*, seu artigo intitulado “Letter to a young contributor”, que oferecia conselhos práticos para jovens escritores desejosos de publicar. Higginson era conhecido como um pensador liberal e interessado na

⁸ Carta 260 do original organizado por Johnson.

condição da mulher, particularmente da mulher escritora. Em seu artigo de jornal, declarava sua satisfação em poder trazer a público novos talentos. Contudo, não esperava ser convocado a comentar e endossar o trabalho de um talento completamente novo, como aqueles primeiros poemas recebidos o revelavam. O mesmo estranhamento e a atração provocados pela primeira carta de Emily acompanhariam Higginson por toda a vida. Em 1891, ele escreve um artigo descrevendo o início de sua correspondência com a escritora:

A impressão de um gênio completamente novo e original foi clara em minha mente na ocasião da primeira leitura daqueles quatro poemas como o é ainda agora, depois de trinta anos de um maior conhecimento; e com aquela impressão veio o problema, até hoje não resolvido, de qual lugar seria reservado na literatura para o que é tão impressionante e ao mesmo tempo tão indefinível à crítica.⁹

De fato, sua obra resistiria desafiando uma crítica disposta a encontrar, a qualquer preço, indícios na vida da escritora que pudessem “justificar” sua escrita tão peculiar, em uma interpretação biográfica baseada na imediata relação vida-obra. Sem sucesso, muitas vezes essa crítica terminou por concordar com o fato de que “é difícil determinar precisamente ‘sobre o que’ essa poesia nos fala.”¹⁰ E é justamente nessas Cartas a Higginson, por meio das quais o crítico tenta entender aquela mulher e sua escrita, que fica cada vez mais clara a dimensão de obra – portanto, sem destinatário – das cartas de Emily.

Se Higginson reconheceu não ter conseguido penetrar no mundo de E. D., não podemos partir para uma leitura de suas cartas que pretenda sua decifração, ou mesmo uma “reconstituição” de sua vida. Sabemos que devemos resistir a tal impulso em favor de perceber traços de sua vida-escrita,¹¹ *biografemas*, retratos formados a partir de “cavacos de lembranças, a erosão que só deixa da vida passada alguns vincos”, nas palavras de Roland Barthes:

Se eu fosse escritor, já morto, como gostaria que a minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigo e desenvolto, a

⁹ JOHNSON. Introduction, p. 6. Tradução minha.

¹⁰ WOOLF. Emily Dickinson, p. 140.

¹¹ Ruth Silviano Brandão cunha o termo em seu livro *A vida escrita* (7Letras, 2006). Silvana Rodrigues Lopes já se referira algumas vezes à “relação vida-escrita”. Aqui, opto pelo nome composto “vida-escrita”.

alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: “biografemas”, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicurianos, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão; uma vida furada, em suma, como Proust soube escrever a sua na sua obra, ou então um filme à moda antiga, de que está ausente toda palavra e cuja vaga de imagens [...] é entrecortada, à moda de soluços salutares, pelo negro apenas escrito do intertítulo, a irrupção desenvolta de *outro* significante: o regalo branco de Sade, os vasos de flores de Fourier, os olhos espanhóis de Inácio.¹²

As vestes brancas, o cabelo do Ouriço, o quarto e o Cão, o retrato único de Emily: biografemas da própria falta, vestígios da ausência. A partir de um desses traços – o traço da escrita – é que se pretende apresentar a escritora agora. É a partir do biografema da própria escrita – a *cômada cheia de pacotinhos*, as centenas de cartas espalhadas com amigos –, da própria experiência literária de Emily que poderemos aprender um modo de ler a escritora. Se na tese de doutorado apresentei a obra de Emily Dickinson como carta, proponho aqui uma leitura de suas cartas como texto, como escritura. Assim, longe de tratá-las como portais de acesso à vida para a compreensão da obra, só o que podemos é tomar desde já suas cartas como obra, pois que, enfim, toda a sua obra se escreve – se inscreve – como carta – sua carta ao mundo.

“A ilusão da comunicação intersubjectiva está na base de grande parte dos discursos justificativos da produção ou da publicação de cartas,” diz Silvina Rodrigues Lopes,¹³ para comentar a mesquinhez da exploração do íntimo que o gênero suscita. É a natureza íntima da correspondência, segundo a autora, o que justifica em grande parte o interesse por ela, demonstrando o gosto pela “exploração do íntimo”, a “vontade de devassa” de um público ávido por novidades, mas que, diria Blanchot, “antes de ler já leu”: “O que é público não tem precisamente necessidade de ser lido; é sempre já conhecido, antecipadamente, de um conhecimento que sabe tudo e não quer saber nada.”¹⁴

Isso é o que acontece especialmente no caso das Cartas a Sue, que têm ensejado inúmeros estudos sobre um suposto relacionamento amoroso entre a escritora e sua cunhada Susan Dickinson, senão ao menos

¹² BARTHES. *Sade, Fourier, Loyola*, p. 12.

¹³ LOPES. *Literatura, defesa do atrito*, p. 135.

¹⁴ BLANCHOT. *O livro por vir*, p. 258.

uma tendência homossexual por parte de Emily. O fato é que as cartas endereçadas a Sue, com o frequente tom de cumplicidade e carinho, revelam, antes de tudo, a natureza apaixonada de Emily, que estava sempre a chamar pelos amigos mesmo depois que tornou-se avessa a visitas. As cartas sempre foram seu ponto de contato com as pessoas que amava, e através delas trocava ideias a respeito de assuntos diversos, inclusive poesia, e nunca poupava palavras de amor e gratidão àqueles que lhe proporcionavam prazer com tais interlocuções. Sue era sua amiga de infância, de confidências, de repente perdida para um namorado – seu irmão Austin. As cartas escritas a ela são especialmente cartas de juventude, quando Emily especulava sobre vários assuntos como a vida, a imortalidade, a amizade, a poesia.

Já quando escreveu a Higginson pela primeira vez, aos trinta e um anos, Emily Dickinson contava com uma produção de trezentos poemas aproximadamente e, nem pela quantidade, nem pela qualidade, e nem por sua idade poderia ser considerada uma “novata”. Entretanto, esse número estava ainda longe de alcançar o total de sua obra, já que, somente naquele mesmo ano de 1862, ela escreveria pelo menos outros 366 poemas.¹⁵ Emily sempre escrevera, mas a partir dos vinte e oito anos, e conforme seu talento amadurecia, a escritora isolou-se cada vez mais em casa e, nas raras ocasiões em que recebia visitas, conversaria apenas através de sua porta entreaberta. Ela teria, a partir de então, cada vez mais consciência de seu trabalho de escrita. De fato, o período de 1858 a 1861, culminando precisamente com a decisão de enviar seus poemas à apreciação de Higginson, no início de 1862, é de suma importância para sua consolidação como poeta:

Este é, finalmente, o período em que ela começava a se pensar como alguém que poderia escrever para a posteridade. A troca de cartas com Sue, sobre o poema do “Alabastro”, que ocorreu do meio pro fim do verão de 1861, parece ter sido sua primeira tentativa de consulta sobre a sua poética. A próxima e última acontece em abril de 1862, quando inicia uma correspondência com T. W. Higginson.

¹⁵ Ao morrer, Emily deixa, nas gavetas do quarto onde viveu reclusa em sua escrita, 1.775 poemas organizados em pacotinhos, novecentos deles copiados a tinta em sessenta pequenos “fascículos”, como foram chamados – folhas de papel meticulosamente dobradas e costuradas. Muitos outros poemas foram encontrados ainda, escritos em papéis de diferentes formas e tamanhos, envelopes usados, páginas de cadernos e folhas de receitas.

Os anos de 1858 a 1861 são um período em que suas forças se reuniam e o fluxo de seu talento aumentava a cada dia.¹⁶

Assim, quando, na carta 261, fala de sua idade como não tendo feito mais que um ou dois versos até então, poderíamos ver talvez uma Emily que começa agora a nascer como poeta – que agora começa a se ver como tal –, a ter consciência daquela voz que passa a se inscrever na literatura – o que pode ser evidenciado pelo fato de que, após o início de sua correspondência com Higginson, ela por vezes assinou suas cartas simplesmente “Dickinson”, supostamente pensando si mesma como um nome público.

Desde a primeira carta de Emily, longe de encontrar uma luz à qual pudesse ler Dickinson e seus poemas, Higginson se vê, como haveria de ser sempre, diante do intocável, do inapreensível. Mas não resiste à pronta tentação de “corrigi-los” – intervenções “cirúrgicas” a que a escritora se refere sem mágoas, mas não sem ironia. A pedido de Higginson, Emily inclui na segunda carta outros poemas, prevenindo-o sobre o que leria, já que eles não pretendiam ser diferentes. Sem conseguir penetrar em seu mundo, em sua escrita, supõe-se que Higginson a tenha aconselhado a não publicar. Se ele nunca disse que seus versos *não* “respiravam” (ele próprio viveu do seu sopro) – que era o que em suma ela *precisava* saber – também não lhe poupou da impressão de que aquela respiração era descompassada, “descontrolada”, “espasmódica” – inapropriada para o que se esperava na época.

Ao referir-se com nítida ironia à questão da publicação – como algo tão distante de seu pensamento quanto o céu da terra – a carta 265 revela que, a partir de então – se assim já não era antes – a escrita, tanto de cartas quanto de poemas, passa a ter para Emily um sentido outro que não o de comunicar – seja ao público, seja aos amigos –, que não o de dar-se à compreensão de um outro. Mais ainda, a prontidão de suas respostas às críticas de Higginson demonstra o distanciamento de quem há muito já tinha para si uma posição bem definida – sua ordem-descalça – em

¹⁶ DICKINSON. *Selected letters*, p. 140. Tradução minha. O poema do “Alabastro” (216), um dos primeiros quatro enviados a Higginson, tem ao menos três versões, entre 1859 e 1861. Aqui, opto pela segunda delas, com base na troca de correspondência entre Emily e a cunhada Sue. A respeito, ver DICKINSON. *Selected letters*, p. 161-163.

relação à fama e ao estatuto do autor, e que era muito diferente do que se esperava do escritor – especialmente da mulher escritora – da época.

Retomemos então a questão das cartas. Segundo Silvina Rodrigues Lopes, o espaço da carta – principalmente daquela de artistas e pensadores, pelo seu evidente valor intelectual – é um espaço múltiplo, onde pensamento e poesia se encontram. Contudo, o que mais interessa à autora, e que está além desse estatuto múltiplo da carta, é

aquilo em que a leitura de uma correspondência pode ser importante por mostrar a construção de uma margem onde o escritor toma consciência da fragilidade da relação eu-outro e, sobretudo, do seu apagamento na passagem à escrita literária, na exacta medida em que nela o “autobiográfico” – a escrita de si – é profundamente anti-autobiográfico, entendida a autobiografia como narração e descrição de factos e relações.¹⁷

Além disso, Silvina aponta uma “dimensão autobiográfica” que nada teria a ver com o gênero autobiográfico, e diz que é naquela dimensão que a literatura evidencia a estrutura intersubjetiva da destinação epistolar: “É nesse sentido que se pode dizer que todos os textos literários se constituem como ‘cartas’ para nada (o que não significa que sejam para o vazio), ‘textos para nada’ (Beckett). Por isso, não têm destinatários nem destinatários.”¹⁸

Então, para que Emily escreve cartas? Para quem? – poderíamos nos perguntar, especialmente no caso de Higginson, já que a correspondência entre os dois seria parte de uma tutela, que supostamente habilitaria Emily a finalmente publicar – o que jamais acontece. Quem é esse interlocutor que, mesmo impressionado com a qualidade da escrita de Emily se interpõe entre ela e o público? Para que Emily continua a escrever-lhe? Se não há um objetivo, há um motivo: porque, sabia Emily, não é para um outro que se escreve. Porque, sabia também, com Marguerite Duras, que não se pode escrever.

Escrever.
Não posso.
Ninguém pode.
É preciso dizer: não se pode.
E se escreve.¹⁹

¹⁷ LOPES. *Literatura, defesa do atrito*, p. 137.

¹⁸ LOPES. *Literatura, defesa do atrito*, p. 137.

¹⁹ DURAS. *Escrever*, p. 47.

Dickinson escreve. É precisamente por isso que escreve. Porque sabe que, de alguma forma, não é ela que escreve: "Quando me coloco, a mim mesma, como a Representante do Verso – isto não quer dizer – eu – mas uma pessoa suposta." Blanchot comenta essa passagem do "eu" ao "ele" na escrita a partir da obra de Kafka, distinguindo este "ele", que designa como "neutro", do "ele" correspondente ao outro interlocutor na instância discursiva:

Quando escrever é entregar-se ao interminável, o escritor que aceita sustentar-lhe a essência perde o poder de dizer "Eu". [...] O "Ele" que toma o lugar do "Eu", eis a solidão que sobrevém ao escritor por intermédio da obra. "Ele" não designa o interesse objetivo, o desprendimento criador. "Ele" não glorifica a consciência em um outro que não eu, o impulso de uma vida humana que, no espaço imaginário da obra de arte, conservaria a liberdade de dizer "Eu". "Ele" sou eu convertido em ninguém, outrem que se torna o outro, e que, no lugar onde estou, não possa mais dirigir-se a mim e que aquele que se me dirige não diga "Eu", não seja ele mesmo.²⁰

Isso conduz "à despossessão, à experiência do desaparecimento, ao abandonar-se a si mesmo e entrar no espaço da ficção, ou da literatura."²¹ Silvina toca este ponto da escrita em que ela se dá pelo desaparecimento do sujeito, citando as palavras de Aldo Gargani:

Escrevo para me aniquilar, escrevo linhas para me reduzir a um ponto, para que finalmente se manifeste a esperança que se exprime apenas por si e que não posso, que ninguém a si pode dar [...]. Eu, cada qual, sou, somos o ponto do desenraizamento e do embate entre um mundo que se desvanece e outro que se desenha na deriva da sua instabilidade, e é toda a realidade não pressagiada e incalculável.²²

Para Blanchot, a origem da obra se dá nesse momento em que o escritor se abandona à sua solidão, em que a despossessão do sujeito dá lugar à sua ocupação pelo exterior – "O meu pensamento abandona-me em todos os graus,"²³ diz Artaud, ecoando Emily: "Será esquecimento ou absorção quando as coisas abandonam nossa mente?"²⁴

²⁰ BLANCHOT. *O espaço literário*, p. 17, 19.

²¹ LOPES. *Literatura, defesa do atrito*, p. 148.

²² GARGANI citado por LOPES. *Literatura, defesa do atrito*, p. 138-139.

²³ Citação de trecho de carta de Artaud a Jacques Rivière, em 1923. LOPES. *Literatura, defesa do atrito*, p. 147.

²⁴ *Is it oblivion or absorption when things pass from our minds?* Trecho da carta 342b, na qual Higginson relata à esposa trechos de sua conversa com E. D.

Para Emily, desterrada, estrangeira, é na escrita, no seu próprio desaparecimento que se dá na escrita, que ela realiza o agir impessoal, o neutro, o “tornar-se presença” de que fala Gargani: “Na espoliação de nós, que é um pôr em acção de nós mesmos, tornamo-nos a nossa própria presença, precisamente a presença estreme que rodeia nossa situação de radical solidão.”²⁵

Silvina Lopes, ao comentar as cartas de Van Gogh a seu irmão, destaca uma onde “do que se trata é também de manter a ligação que impede o mundo de deslizar para o insuportável”:

não posso imaginar que poderia viver de outra maneira; não aspiro sequer a ser desembaraçado das minhas dificuldades e preocupações; a única esperança que alimento é que estas dificuldades e preocupações se me não tornem insuportáveis. Isso não acontecerá enquanto puder trabalhar e alegrar-me com a simpatia que me testemunham homens como tu.²⁶

É também por isso que Emily escreve, e escreve cartas. Sabe da fragilidade da relação eu-outro – do apagamento mesmo do eu na escrita, bem como da inexistência do outro do discurso, e, nas palavras de Silvina Lopes, “se o outro nunca esteve lá para onde dirigimos a palavra isso implica uma solidão tão radical que corresponde à perda da palavra própria, palavra que antes de mais deveria ter vindo do outro.”²⁷ Ainda assim, ou precisamente por isso, procura – se não comunicar – conectar-se com os que ama, e com o mundo, de uma certa forma. Este mundo, que muitos dizem não ter sido conhecido, ou experimentado, por Emily, foi por ela escrito em suas cartas e poemas, e sua relação com ele e as pessoas era mais forte do que se poderia achar, a julgar apenas por sua reclusão. Higginson notou sua preocupação com os outros, quando esteve com ela, e sua necessidade e tentativa de contato, ainda que com um ramo de flores ou uma porta entreaberta a se interpor, o que é fácil perceber, por exemplo, nas Cartas ao Mestre.²⁸

Para manter contato com esse mundo Emily precisava, sempre precisou de um mestre. Foi sempre afeita a eles, como escreve aos

²⁵ GARGANI citado por LOPES. *Literatura, defesa do atrito*, p. 139.

²⁶ VAN GOGH citado por LOPES. *Literatura, defesa do atrito*, p. 143-144.

²⁷ LOPES. *Literatura, defesa do atrito*, p. 147.

²⁸ Falamos aqui do Reverendo Charles Wadsworth, o suposto destinatário das três “cartas ao mestre” encontradas entre os papéis de Emily Dickinson.

dezessete anos, na expectativa de entrar para o Seminário: "*I am always in love with my teachers*". Thomas H. Johnson comenta:

A expressão tem aquela qualidade de candura e precisa auto-avaliação que dá a Emily Dickinson estatura como pessoa e como poeta. Por toda a sua vida ela procurou pela liderança de um "mestre." A partir de 1862, Higginson ocupou esse lugar para ela, como todas as suas cartas a ele deixam claro. Certamente esse era seu sentimento em relação ao Dr. Wadsworth, e quem sabe outros, agora jamais sabidos. Mas a necessidade de um tutor ou guia, que poderia conduzi-la à maneira de Dante pelas visões de uma divina comédia, é a extensão lógica de toda pessoa sensível, e especialmente necessária aos poetas, que procuram traduzir a humanidade para pastagens mais verdes, através da linguagem. A busca de Emily Dickinson por um guia, ela a expressou com admirável franqueza a Higginson em agosto de 1862. Sem reticências e com clara auto-análise ela disse: "Não tenho Monarca em minha vida, e não posso me governar, e quando tento me organizar – explodem-se minhas pequenas Forças – fico exposta, e chamuscada –"²⁹

Talvez por isso Emily continue a pedir a tutela de Higginson. Aceitou ser guiada por ele, mesmo se sabendo incompreendida, pois parecia saber ser essa a condição inelutável do ser humano. Renunciou à publicação em favor da escrita, desse contato com o mundo que poderia ter em vida – sua ordem-descalça. Seu nascimento como poeta nasce justamente com sua renúncia à fama; é o seu desaparecimento como autora que dá lugar ao surgimento da obra – seu *livro por vir*. E, por isso, várias vezes, e de diversas formas, ela diz de sua gratidão a Higginson: "Gratidão é o único segredo que não se pode revelar",³⁰ "O senhor não tem consciência de que salvou minha Vida" – convicção esta provavelmente muito forte, visto que E.D. usaria a mesma expressão em outra carta a Higginson, dez anos depois.³¹

Da mesma forma, Emily Dickinson procura seu ponto de contato com o mundo através dos amigos – poucos, mas constantes durante toda sua vida – que, lançando-se também à escrita das cartas, davam a Emily o material sobre o qual construir sua vida-escrita, e o modo de

²⁹ DICKINSON. *Selected letters*, p. xi. Tradução minha.

³⁰ DICKINSON. *Selected letters*, p. 209. Gratitude is the only secret that cannot reveal itself – trecho da carta 342b, de Higginson à esposa, em que registra essa frase que E. D. lhe teria dito em sua partida.

³¹ DICKINSON. *Selected letters*, p. 197. Trecho da carta 330, aqui traduzida.

fazê-la sentir-se parte de um mundo e um tempo tão fictícios quanto pareciam ser-lhes aqueles em que vivia. “O que importa é que se tenha escolhido a forma-carta enquanto forma de resposta a uma amizade, pois isso assinala que se é ainda parte de uma comunidade.”³² Essa comunidade, Emily soube reinventá-la na escrita, criando, na verdade, uma que transcenderia o breve espaço de tempo de sua existência: “A letter always feels to me like immortality because it is the mind alone without corporeal friend.”³³

De fato, muitos já se perguntaram, com estranheza, como ela podia escrever, sem ter “nenhuma experiência”, subestimando a vida que Emily supostamente levava: sem graça, sozinha, cultivando um amor platônico por um Mestre e, quem sabe, uma afeição imprópria pela cunhada. Contudo, Emily jamais se mostra frustrada em relação à sua vida. Ao contrário, sempre mostra um prazer – “Encontro êxtase na vida” – um contentamento – “A mera sensação de viver é alegria bastante” –,³⁴ algo que ela pôde aproveitar talvez principalmente após o “controle” de que fala, proporcionado pela possibilidade de escrever aos amigos e potencializado pela correspondência sistemática com Higginson, aquele que a tolhia mas ao mesmo tempo lhe permitia ser ela mesma, na esfera íntima das cartas, que eventualmente trouxeram o belo pensamento: *Existence has overpowered Books*.³⁵

E nós, parte dessa imortalidade, dessa comunidade, somos também convidados a ler sua *letter* e, longe de estranhá-la, partilhar de sua estrangeiridade, tornarmo-nos nós mesmos estrangeiros, desenraizados, desertados num sem-tempo, sem-lugar, que é a terra da escrita.

Esta é minha carta ao Mundo
Que nunca escreveu a Mim –
As simples Novas que a Natureza contou –
Com suave Majestade

³² LOPES. *Literatura, defesa do atrito*, p. 150.

³³ Essa frase, que vemos traduzida na carta 330, e que E.D. escreve a Higginson em 1869, ela a ecoaria bem mais tarde, em 1882, em carta ao amigo James Clark, que era amigo de Charles Wadsworth, e com quem iniciou correspondência após a morte deste último, o suposto “master” das correspondências.

³⁴ *I find ecstasy in living. The mere sense of living is joy enough*. Trecho da carta 330a, de Higginson à esposa, em que transcreve passagens de sua conversa com E.D.

³⁵ Trecho da carta 413, traduzida aqui. Vemos uma posição semelhante em André Comte-Sponville, que em *O amor a solidão* por mais de uma vez declara ter consciência da soberania da vida em relação à literatura, pensamento que se tornava tanto mais claro quanto maior sua experiência de escrita.

Sua Mensagem é para aqueles
Cujas Mãos não posso ver –
Por amor a Ela – Caros – Confrades –
Julguem brandamente – meu Ser³⁶

³⁶ Poema 441: This is my letter to the World / That never wrote to Me – / The simple News that Nature told – / With tender Majesty // Her Message is committed / To Hands I cannot see – / For love of Her – Sweet – countrymen – / Judge tenderly – of Me

Cartas a Sue

Carta 238

(verão de 1861)

A salvo em seus Quartos de Alabastro,
Intocados pela manhã
E intocados pela tarde,
Dormem dóceis os membros da Ressurreição,
Viga de cetim
E Teto de lage.

Sorri suave a brisa
Em seu Castelo acima deles,
Balbucia a Abelha num Ouvido impassível,
Assoviam Doces Pássaros em cadência esquecida, –
Ah, quanta perspicácia acaba aqui!

[A primeira versão, acima, ED envia a Sue durante o verão de 1861. Sue parece ter-se oposto à segunda estrofe, pois ED lhe manda o seguinte:]³⁷

A salvo em seus Quartos de Alabastro,
Intocados pela Manhã –
E intocados pela Tarde –
Dormem dóceis os membros da Ressurreição –
Viga de Cetim – e Teto de Lage –

Grandiosos, vão-se os Anos – no Crescente – acima –
Mundos cavam seus Arcos –
E Firmamentos – sucedem –
Diademas – tombam – e Doges – se rendem –
Em silêncio como gotas – em um Disco de Neve –

³⁷ Os trechos entre colchetes são comentários de Johnson, por mim traduzidos.

Talvez esta estrofe lhe agrade mais – Sue –

Emily –

[A nova versão provoca uma resposta imediata:]

Não me conformo querida Emily com a segunda estrofe – É impressionante como a cadeia de raios que nos cega em noites quentes no céu do Sul, mas não combina com o brilho fantasmagórico da primeira estrofe, assim como a outra – Apenas me ocorre que a primeira estrofe é completa em si mesma, não precisa de nenhuma outra, e não pode ser acoplada – Coisas estranhas sempre vêm sozinhas – como há um só Gabriel e um só sol – Você nunca fez um par para aquela estrofe, e me parece que seu reino não suporta um – Eu sempre vou para o fogo me aquecer depois de pensar nela, mas nunca mais *consigo* – As flores são doces e cintilam como se fossem beijar alguém – ah, elas esperam por um beija-flor – Obrigada por elas, é claro – e não obrigada, apenas, reconhecimento também – Já lhe ocorreu que é tudo que existe aqui afinal – “Senhor, que eu possa receber minha visão”! –

Susan está cansada de fazer *bebedouros* para seu pássaro – seu pombo-torcaz – ele vai pintar meu rosto, quando eu estiver velha para me pagar –

Sue

Pony Express

[ED responde assim:]

Este é mais gelado?

Primaveras – sacodem as vigas –
Mas – os Ecos – se calam –
Gelada – a Janela –
E dormente – a Porta –
Tribos de Eclipse – em Tendas de Mármore –
Que Fechos de Eras – ali – trancaram –

Querida Sue –

Seu elogio é bom – para mim – porque eu *sei* que ele *sabe* – e *suponho* – que *significa* –

Poderia eu fazer você e Austin – orgulhosos – em algum momento – bem distante? – me daria mais altura –

Aqui vai uma migalha – para o “Pombo Torcaz” – e um borrifador para *seu Ninho*, há pouco tempo – *apenas* – “*Sue*”.

Emily.

Carta 305

(em março de 1865)

Querida Sue –

Incapazes os Amados de morrer
Pois que Amor é Imortalidade,
Mais ainda, Divindade –

Emily.

Carta 306

(por volta de março de 1865)

Você deve me deixar ir primeiro, Sue, porque vivo no Mar sempre e conheço o Caminho.

Eu teria me afogado duas vezes para salvá-la de afundar-se, querida, se ao menos eu pudesse ter coberto seus Olhos para que você não visse a Água.

Cartas a Higginson

Carta 260

(15 de abril de 1862)

Sr. Higginson,

O senhor está tão intensamente ocupado para dizer se o meu Verso está vivo?

A Mente está, ela própria, tão próxima – não pode ver com clareza – e não tenho a quem perguntar –

Se o senhor achar que respira – e puder me dizer – eu sentiria imediata gratidão –

Se eu cometo o equívoco – que ousará dizer – me daria grande honra – com o seu gesto –

Incluo aí o meu nome – pedindo-lhe, se me faz o favor – senhor – de me dizer o que é verdade?

Que o senhor não me traia – é desnecessário pedir – já que a Honra é garantia dela mesma –

*

A salvo em seus Quartos de Alabastro –
Intocados pela Manhã
E intocados pela Tarde –
Dormem dóceis os membros da Ressurreição –
Viga de Cetim – e Teto de Lage.

Grandiosos, vão-se os Anos – no Crescente – acima –
Mundos cavam seus Arcos –
E Firmamentos – sucedem –
Diademas – tombam – e Doges – se rendem –
Em silêncio como gotas – em um Disco de Neve –³⁸

³⁸ Poema 216: "Safe in their Alabaster Chambers – / Untouched by Morning – / And untouched by Noon – / Lie the meek members of the Resurrection – / Rafter of Satin – and Roof of Stone! // Grand go the Years – in the Crescent – above them – / Worlds scoop their Arcs – / And Firmaments – row – / Diadems – drop – and Doges – surrender – / Soundless as dots – on a Disc of Snow –". Os outros três poemas incluídos nessa carta são o 318, o 319 e o 320.

Carta 261

(25 de abril de 1862)

Sr. Higginson,

Sua delicadeza exigira gratidão imediata – mas estive doente – e escrevo hoje, na cama.

Obrigada pela cirurgia – não foi tão dolorosa como eu supunha. Trago-lhe outros [poemas] – como o senhor me pede – embora eles pareçam não diferir –

Enquanto meu pensamento está despido – Eu posso fazer a distinção, mas quando os coloco na Toga – eles parecem semelhantes, e entorpecidos.

O senhor perguntou quantos anos eu tinha? Não fiz versos – apenas um ou dois – até este inverno – senhor.

Vivi um terror – desde setembro – não poderia contá-lo a ninguém – e então eu canto, como o Menino canta em torno das Sepulturas, porque tenho medo – o senhor pergunta sobre meus Livros – Por Poetas – Tenho Keats – e Sr. e Sra. Browning. Em Prosa – Sr. Ruskin – Sir Thomas Browne – e o Apocalipse. Entrei para a escola – mas, por assim dizer – não tive educação. Quando Menina, tive um amigo, que me ensinou a Imortalidade – mas aventurando-se muito perto, ele próprio – nunca retornou – Logo depois, meu tutor morreu – e por vários anos, meu Léxico – foi meu único companheiro – Depois encontrei mais um – mas ele não me quis como discípula – e então deixou o Terreno.

O senhor pergunta sobre meus Companheiros, Colinas – senhor – e o Pôr do Sol – e um Cão – tão grande como eu, que meu Pai me trouxe

– Eles são melhores que Pessoas – porque sabem – mas não contam – e o barulho no Poço, ao Meio-dia, supera meu Piano. Tenho um Irmão e uma Irmã – Minha Mãe não dá importância ao Pensamento – e o Pai, muito ocupado com seus Relatórios – para perceber o que fazemos – Ele me compra muitos Livros – mas implora para que eu não os leia – porque teme que eles perturbem a Mente. Eles são religiosos – exceto eu – e cortejam um Eclipse, toda manhã – que eles chamam de “Pai”. Mas temo que minha história o fatigue – Eu gostaria de aprender – o senhor poderia me ensinar como crescer – ou é intransmissível – como Melodia – ou Bruxaria?

O senhor fala do Sr. Whitman – nunca li seu Livro – mas me foi dito que ele é infame –

De Miss Prescott, li “Circunstância”, mas o texto me seguiu, na escuridão – então eu a evitei –

Dois Editores de Jornais vieram até a Casa de meu Pai, este inverno – e me perguntaram sobre minha Mente – e quando lhes perguntei “Por quê”, disseram-me que sou digna de pena – e eles usariam isso para o Mundo –

Não poderia mensurar-me a mim mesma – Eu mesma –

Meu tamanho senti pequeno – para mim – Li seus Capítulos no “Atlântico” – e senti orgulho do senhor – Estava certa de que o senhor não recusaria uma questão confidencial –

É isto – senhor – o que pediu para lhe contar?

Sua amiga,
E – Dickinson.

Carta 265

(7 de junho de 1862)

Querido amigo.

Sua carta não me causou Embriaguez, porque já provei Rum antes – Domingo chega apenas uma vez – embora até hoje tenha tido poucos prazeres tão profundos quanto sua opinião e, se eu tentasse lhe agradecer, minhas lágrimas me travariam a garganta –

Perto de morrer, meu Tutor me disse que ele gostaria de viver até que eu me tornasse poeta, mas a Morte foi hábil Ladra para que eu pudesse vencê-la – então – E quando longe, depois – uma luz repentina nos Pomares ou uma mudança de ventos perturbou minha atenção, senti uma pontada, aqui, – os Versos apenas aliviam –

Sua segunda carta surpreendeu-me e, por um momento, balançou – Eu não o supunha. Sua primeira – não ofendeu, por causa da Verdade – não tenho vergonha – Agradeço-lhe por sua justiça – mas não poderia calar os sinos que, tinindo, acalmaram minha Marcha – Talvez o Bálsamo fosse melhor, já que o senhor sangrou-me antes –

Sorrio quando o senhor sugere que eu adie a “publicação” – estando isto tão longe do meu pensamento, como o Firmamento dos Peixes –

Se a fama me pertencesse, eu não conseguiria fugir a ela – se assim não fosse, o mais longo dos dias seria gasto em seu enalço – e eu perderia a aprovação do meu Cão – assim – minha Ordem-Descalça é melhor –

O senhor pensa meu passo “espasmódico” – Estou em perigo – senhor –

O senhor me pensa “descontrolada” – Não tenho Tribunal.

O senhor teria tempo para ser o “amigo” de que o senhor pensa que preciso? Minha forma é pequena – não entulharia sua Escrivanhinha – e não sou tão barulhenta como o Rato que morde suas Coleções –

Se eu pudesse trazer para o senhor o que faço – não tão frequente que chegasse a importuná-lo – e perguntar-lhe se fui clara – isso seria controle, para mim –

O Marinheiro não pode ver o Norte – mas sabe que a Agulha pode –
A “mão que me estende no escuro”, ali coloco a minha, e vou-me embora – não tenho mais Língua, agora –

Como se eu pedisse uma simples Esmola,
E, em minha mão surpresa,
Um Estranho prensasse um Reino,
E eu, confusa, suportasse –
Como se eu pedisse que o Oriente
Trouxesse a Manhã, para mim –
E ela abrisse seus Diques de Púrpura,
A me espatifar com Aurora!

Mas, o senhor seria meu Preceptor, Sr. Higginson?

Sua amiga
E Dickinson –

Carta 268

(julho de 1862)

O senhor me veria – sem? Não tinha aqui nenhum retrato, mas sou pequena, como o Rouxinol, e meu Cabelo é cheio, como o Ouriço da Castanheira – e meus olhos, como Sherry no fundo do copo, deixado pela visita – Isso servirá?

O que sempre preocupa meu Pai – Ele diz que a morte pode ocorrer, e que ele tem Moldes para todo o resto mas nenhum Molde meu, mas eu notei que os Vivos rapidamente dispõem dessas coisas, e antecipam a desonra – O senhor não veria aqui um capricho meu –

O senhor disse “Sombria”. Conheço a Borboleta – e o Lagarto – e a Orquídea –

Não são estes também *seus* Compatriotas?

Estou feliz por ser sua aluna, e merecerei sua gentileza, que não posso retribuir. Se o senhor permite, repito a lição, agora –

O senhor me dirá minha falta, franco como a si mesmo, pois prefiro o susto, que a morte – Não se chama o Cirurgião para aprovar – o Osso – mas para emendar, e a fissura interna, senhor, é mais crítica. E por isso, senhor, devo trazer-lhe – Obediência – a Flor do meu Jardim, e toda a gratidão que eu conheça. O senhor talvez esteja a rir de mim. Não posso parar por isso – meu Trabalho é a Circunferência – Uma ignorância, não de Costumes, mas se for pega pela Aurora – ou se o Pôr do Sol me vir – eu mesma o único Canguru em meio à Beleza, senhor, por favor, pois que isso me aflige, e pensei tal instrução talvez pudesse me livrar.

Porque o senhor tem muito trabalho, além do meu crescimento, e deve me dizer, o senhor mesmo, quão frequente devo vir – sem inconveniência. E se a qualquer tempo – arrepender-se de me ter recebido – ou se eu me mostrar feita de material diferente do que supunha – deverá banir-me –

Quando me coloco, a mim mesma, como a Representante do Verso – isto não quer dizer – eu – mas uma pessoa suposta. O senhor está certo, sobre a “perfeição”.

O Hoje faz o Ontem significar.

Falou-me de Pippa Passes – nunca ouvi falar de Pippa Passes – antes.

O senhor vê que minha postura é de despreparo.

Agradecer-lhe me desconcerta. O senhor é completamente poderoso? Tendo eu prazer que o senhor não tenha experimentado, poderia com satisfação trazer-lhe.

Sua aluna

Carta 271

(agosto de 1862)

Caro amigo –

Estes estão mais ordenados? Agradeço-lhe pela Verdade –

Nunca tive Monarca em minha vida, e não posso me governar, e quando tento me organizar – explodem-se minhas pequenas Forças – fico exposta, e chamuscada –

Acho que você me chamou de “Teimosa”. Vai me ajudar a melhorar?

Suponho que o orgulho que impede a Respiração, no Coração da Selva, não é de nós mesmos –

Você diz que eu confesso o pequeno erro, e omito o grande – Porque eu posso ver a Ortografia – mas a Ignorância fora da vista – é dever do meu Preceptor –

Sobre “Homens e Mulheres esquivas” – eles falam de coisas Sagradas, em voz alta – e desconcertam meu Cão – eu e ele não fazemos objeção, se eles não nos atrapalharem. Acho que Carlo o agradaria – ele é silencioso, e bravo – Acho que você gostaria da Castanheira, que encontrei em meu caminho. Ela chamou minha atenção de repente – e eu pensei que os Céus estavam em flor –

Tem também um ruído silencioso no Pomar – que eu deixo as pessoas ouvirem – Você me disse numa carta que não poderia vir me ver, “agora”, e eu não dei resposta, não porque eu não tivesse, mas não achei que eu valia o preço de você vir tão longe –

Eu não peço um prazer tão grande, para que você não possa me negar –

Você diz "Além do seu conhecimento". Você não iria brincar comigo, porque eu acredito que você – mas Preceptor – você não quer dizer isso? Todos os homens dizem "O quê" para mim, mas eu pensei no costume –

Quando Menina, e ficava muito nos Bosques, me diziam que uma Serpente me picaria, ou eu poderia colher uma flor venenosa, ou Duendes viriam me raptar, mas eu fui com isso e não encontrei ninguém a não serem Anjos, que eram bem mais tímidos que eu, de forma que eu poderia ser um deles, então eu não tenho aquela crença na impostura que muitos praticam.

Vou observar o seu preceito – ainda que eu não o entenda, sempre.

Marquei um verso em Uma Estrofe – porque eu o encontrei depois de tê-lo feito – e nunca conscientemente mexo na tinta misturada por outra pessoa –

Eu não deixo ir, porque é meu.

Você tem o retrato da Sra. Browning? Pessoas me enviaram três – Se você não tiver nenhum, quer ter o meu?

Sua Aluna –

Carta 316

(início de 1866)

Querido amigo.

Quem meu Cão conheceu não poderia escapar ao outro.

Ficaria feliz em lhe ver, mas seria um prazer espectral – a não se realizar. Não tenho certeza sobre Boston.

Tinha prometido visitar meu Médico por uns dias em maio, mas o Pai se opõe, pois se acostumou a minha presença.

É muito mais longe até Amherst?

O senhor encontraria uma pequena Anfitriã mas uma grande Acolhida –

Para que o senhor não encontre minha Serpente e pense que o engano no fato de ela ter sido roubada – derrotada também na terceira linha pela pontuação. A terceira e a quarta eram uma só – eu lhe disse que não publicava – temia que me achasse pretensiosa. Se eu ainda insistir que o senhor me ensine, não ficaria muito chateado?

Serei paciente – constante, nunca rejeitarei seu bisturi, e que a minha lentidão o instigue, o senhor que antes de mim soube que

Exceto as de pequeno porte

Nenhuma vida é redonda –

Estas – rápido tornam-se esfera

E ali se findam –

As maiores – crescem devagar
E mais tarde pendoam
Os Verões das Hespérides
Mais tempo perduram.

Dickinson

Carta 330

(junho de 1869)

Querido amigo

Uma carta sempre me toca como a imortalidade, pois é a mente apenas sem o amigo em corpo. Em dívida em nossa conversa com a atitude e o tom, parece haver no pensamento um poder espectral que caminha sozinho – gostaria de agradecer-lhe pela sua grande gentileza, mas nunca tento erguer palavras que não posso carregar.

Se o senhor viesse a Amherst, talvez eu pudesse melhorar, embora a Gratidão seja a tímida riqueza daqueles que nada têm. Estou certa de que fala a verdade pois que os nobres assim fazem, mas suas cartas me deixam sempre surpresa. Minha vida tem sido simples e dura demais para perturbar alguém.

“Olhada pelos anjos”, sem ser de todo minha responsabilidade.

É difícil não se tornar ficcional em um lugar tão belo, mas os mais severos testes são permitidos.

Quando Menina me lembro de ouvir aquela notável passagem e de escolher o “Poder”, não sabendo naquela época que “Reino” e “Glória” estavam incluídos.

O senhor observou o fato de eu viver sozinha – para um Desterrado, todo País é inútil exceto o seu. O senhor fala com carinho em me ver. Se fosse por favor da sua conveniência vir tão longe como a Amherst eu ficaria muito feliz, mas não atravessarei o chão de meu Pai para alcançar nenhuma Casa ou cidade.

De nossos maiores atos somos ignorantes –

O senhor não tem consciência de que salvou minha Vida. Agradecer-lhe pessoalmente tem sido, desde então, um de meus poucos desejos. A criança que pede minha flor "Você me dá," – diz ela – "me dá?" – não conheço outra forma de pedir o que desejo.

O senhor me desculpe cada uma dessas palavras, porque ninguém me ensinou outras?

Dickinson

Carta 413

(fim de maio de 1874)

Pensava que ser um Poema impedisse de se escrever poemas, mas percebo o Engano. Foi como voltar à Casa, ver seu belo pensamento uma vez mais, agora há muito interdito – o Intelecto é o que o Patriota quer dizer quando fala de sua “Terra Natal”? Eu deveria ter medo de “citar” aquilo que o senhor “mais valoriza.”

O senhor experimentou a santidade.

Não foi por mim tentada.

Da Vida possuir –

Da Vida retirar –

Mas nunca a Reserva tocar –

O senhor pergunta gentilmente por minhas Flores e Folhas – tenho lido muito pouco ultimamente – a Existência dominou os Livros. Hoje, matei um Cogumelo –

Senti que a relva gostara

De tal interrupção.

Esse Rebento Secreto

Circunspeto do Verão.

As palavras mais vastas são tão estreitas que podemos facilmente atravessá-las – mas há águas mais profundas que aquelas sem Ponte.

Meus Irmãos adorariam vê-lo. Duas vezes, o senhor partiu – Mestre –
Não viria apenas mais uma vez? –

Cartas ao Mestre

Carta 187

Destinatário desconhecido (por volta de 1858)

Querido Mestre

Estou doente, mas, mais aflita porque está doente, faço o meu mais pesado trabalho manual longo o suficiente para lhe dizer. Pensei que talvez estivesse no Céu, e quando falou novamente, pareceu-me tão doce, e maravilhoso, e tanto me surpreendeu – queria que estivesse bem.

Queria que todos os que amo nunca mais estivessem frágeis. [...]

Cada Sábado no Mar me faz contar os Sábados até nos encontrarmos na costa – e (estarão) se estiveram as colinas tão azuis como dizem os marinheiros. Não posso mais falar (ficar mais) esta noite (agora), pois esta dor me proíbe.

Que forte e frágil é recordar, e fácil, absolutamente, amar. Queira me dizer, por favor, diga-me assim que estiver bem.

Carta 233

Destinatário desconhecido (por volta de 1861)

Mestre.

Se o senhor viu uma bala atingir um Pássaro – e ele disser que não foi atingido – pode se comover com sua gentileza, mas certamente duvidará de sua palavra.

Uma gota mais do corte que tinge o seio de sua Margarida – então você *acreditaria*? A fé de Tomás em Anatomia, era mais forte que sua fé na fé. Deus me fez – [Sr.] Mestre – eu não ser – eu mesma. Eu não sei como isso foi feito. Ele construiu o coração em mim – e ele cresceu mais do que eu – e como a pequena mãe – com a criança grande – eu cansei de carregá-lo. Ouvi falar de uma coisa chamada “Redenção” – que descansou homens e mulheres. O senhor se lembra que eu pedi por isso – e o senhor me deu outra coisa. Esqueci a Redenção [nos Redimidos – Não lhe disse por muito tempo, mas eu sabia que o senhor tinha me modificado – eu] e estava cansada – não mais – [tão querido este estranho se tornou que era isso, ou a minha respiração – a Alternativa – eu tinha jogado fora o companheiro com um sorriso] Estou mais velha – esta noite, Mestre – mas o amor é o mesmo – assim como a lua e a crescente. Se tivesse sido da vontade de Deus que eu respirasse onde o senhor respira – e achasse o lugar – eu mesmo à noite – se eu nunca esqueço (nunca posso esquecer) que eu não estou com o senhor – e que a tristeza e o gelo estão mais perto que eu – se eu desejar com uma força que não posso reprimir – que o meu lugar fosse o da Rainha – o amor do Plantagenet é minha única apologia – Para chegar mais perto do que

presbitérios – e mais perto que o Casaco novo – feito pelo Alfaiate – a brincadeira do Coração em jogo no Coração – em sagrado Dia Santo – me proíbe – o senhor me faz falar disso – e tenho medo que ria – sem eu ver – [mas] “Chillon” não é engraçado. O senhor tem o Coração no peito? – Sr. – está lá como o meu – um pouco à esquerda? – será que ele tem medo – se acordar durante a noite – por acaso – ele com ele mesmo – um pandeiro – ele com ele mesmo – uma melodia?

Essas coisas são [reverentes] sagradas, Senhor, eu as toco [reverentemente] santificadas, mas pessoas que rezam – ousam dizer [nosso] “Pai”! O senhor diz que eu não lhe conto tudo – a Margarida confessou – e não negou.

Vesúvio não fala – Etna – não – [seu] um deles – disse uma sílaba – mil anos atrás, e Pompeia, ouvindo aquilo, se escondeu para sempre – Ela não poderia olhar o mundo de frente, depois disso – suponho – Tímida Pompeia! “Dizer-lhe da falta” – o senhor sabe o que é um sanguessuga, não sabe? – e [lembre-se disso] o ramo da Margarida é pequeno – e o senhor sentiu o horizonte não sentiu? – e o mar – nunca veio tão perto para fazer a dança?

Eu não sei o que o senhor pode fazer – obrigada – Mestre, mas se eu tivesse a Barba em meu rosto – como o senhor – e o senhor – tivesse as pétalas da Margarida – e o senhor se importasse comigo – o que seria do senhor? Poderia me esquecer numa luta, ou voo – ou na terra estrangeira? Carlo não poderia, e se nós dois andássemos nos prados por uma hora – sem ninguém se importar, apenas a Triste-pia – e *seu* – escrupulo *de prata*? Eu costumava pensar que quando eu morresse – eu poderia vê-lo – por isso morri o mais depressa que pude – mas a “Corporação” está indo também para o Céu [Eternidade] então não vai ser sequestrada – agora – [de toda forma] – Diga que eu posso esperar pelo senhor – diga que não preciso ir com nenhum estranho para o para mim – desconhecido [país] rebanho – Eu esperei um longo tempo – Mestre – mas posso esperar mais – esperar até que meu cabelo cor de avelã esteja salpicado – e o senhor use bengala – então eu posso olhar o relógio – e se o Dia estiver em seu declínio – podemos correr os riscos [do] para o Céu – O que o senhor faria comigo se eu viesse “em branco”? O senhor tem peito para colocar Vida – dentro?

Eu quero vê-lo mais – Sr. – que tudo que desejo neste mundo – e o desejo – um pouco alterado – vai ser meu único – para os céus.

O senhor poderia vir para a Nova Inglaterra – [neste verão – poderia] poderia vir até Amherst – O senhor gostaria de vir – Mestre?

[Será que faz mal – já que ambos tememos a Deus –] Será que a Margarida o iria decepcionar – não – ela não iria – Sr. – seria consolo para sempre – só de olhar seu rosto, enquanto o senhor olha o meu – então eu poderia brincar na selva até ficar escuro – até o senhor me levar para onde o Pôr do sol não nos ache – e os verdadeiros continuem chegando – até que a cidade esteja cheia. [O senhor me diz se vai?]

Eu não pensei em lhe dizer, você não veio até mim “em branco”, nem nunca me contou por que,

Não Rosa, e me senti abrir,
Não Pássaro – e viajei no Espaço.

Carta 248

Destinatário desconhecido (início de 1862?)

Ah, eu ofendi – [será que não quis que eu contasse a verdade] Margarida – a Margarida ofendeu – aquela que submete sua pequena vida ao seu (é fato) mais humilde (inferior) dia a dia – e que só pede – uma tarefa [quem] alguma coisa a fazer por amor – de alguma pequena forma que ela ainda não sabe para satisfazer aquele mestre –

Um amor tão grande que a assusta, avançando em seu pequeno coração – tomando o lugar do sangue e deixando-a fraca (completamente) e branca nos braços do gozo –

Margarida – aquela que nunca se encolheu diante da terrível partida, mas segurou sua vida tão firme que ele não poderia ver a ferida – aquela que o teria abrigado em seu seio infantil (Coração) – que só não era grande o suficiente para um Convidado tão grande – *esta* Margarida – ofendeu seu Senhor – e ainda assim ele (ela), muitas vezes estragou tudo – Talvez ela tenha ofendido (arranhado) seu gosto – talvez suas estranhas – maneiras [vida] de Bicho do mato [atrapalhada] tenham provocado sua natureza mais fina (senso). A Margarida [teme] sabe disso tudo – mas deve seguir imperdoada – ensine-a, preceptora graça – ensine-a majestade – Lenta (Estúpida) para coisas aristocráticas – Até mesmo a carriga em seu ninho aprende (sabe) mais do que se atreve a Margarida –

Apoiada no joelho que uma vez a fez nascer para o [nobre] resto sem palavras [agora] a Margarida [se inclina] se ajoelha culpada – diga-lhe de sua [ofensa] culpa – Mestre – se ela é [não tão] pequena suficiente para suprimir sua vida, [Margarida] ela está satisfeita – mas punir

[não] não vai bani-la – trancá-la na prisão, Senhor – apenas prometa que o senhor irá perdoar – em algum momento – antes da sepultura, e Margarida não vai se importar – Ela vai acordar em sua imagem [dele].

O espanto me ferrou mais que a Abelha – que nunca me picou – mas fez alegres músicas com seu poder seja qual for eu [posso] [deveria] fui – O espanto desperdiça minhas libras, o senhor disse que eu não tinha tamanho para poupar –

O senhor manda água acima da Represa em meus olhos castanhos –

Tenho uma tosse tão grande quanto um dedal – mas eu não ligo para isso – eu tenho um Machado do lado, mas isso não me machuca muito. [Se o senhor] O Mestre a golpeia mais –

Será que ele não vai vir até ela – ou vai deixar que ela o procure, nunca se importando [seja o que for] se há tanto tempo perambula [fora] em busca dele afinal.

Ah, como o marinheiro luta, quando seu barco está enchendo – Ah, como a batalha na morte, até que o anjo vem. Mestre – abra sua vida toda, e deixe-me entrar pra sempre, eu nunca estarei cansada – eu nunca farei barulho quando o senhor quiser ficar quieto. Serei [feliz] [como] sua melhor menina – ninguém mais vai me ver, a não ser o senhor – mas será o suficiente – não devo querer nada mais – e todo o Céu que só vai me frustrar – será porque não me é tão caro

Referências

- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Lisboa: Relógio d'Água, 1984.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *O próprio e o alheio*. Ensaios de literatura comparada. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- COMTE-SPONVILLE, André. *O amor a solidão*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- DICKINSON, Emily. *The complete poems of Emily Dickinson*. Ed. Thomas H. Johnson. Boston, New York, London, Toronto: Little, Brown and Company, 1960.
- DICKINSON, Emily. *Selected Letters*. Ed. Thomas H. Johnson. Cambridge, London: The Belknap Press of Harvard University Press, 1986.
- DICKINSON, Emily. *Collected poems*. New York: Barnes&Noble Books, 1993.
- DURAS, Marguerite. *Escrever*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- JOHNSON, Thomas H. Introduction. In: DICKINSON, Emily. *The complete poems of Emily Dickinson*. Ed. Thomas H. Johnson. Boston, New York, London, Toronto: Little, Brown and Company, 1960. p. v-xi.
- LOPES, Silvína Rodrigues. *Literatura, defesa do atrito*. Lisboa: Vendaval, 2003.
- MOURÃO, Fernanda. *117 e outros poemas: à procura da palavra de Emily Dickinson*. 2008. 8 v. (Tese de Doutorado em Letras: Estudos Literários). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- WOOLF, Cynthia Griffin. *Emily Dickinson*. New York: Wesley Publishing Company INC, 1996.
- Site "Emily Dickinson Museum". Disponível em: <www.emilydickinsonmuseum.org>. Acesso em: 2 dez. 2013.

**Publicações Viva Voz de interesse
para a área de estudos literários e de tradução**

**Poesia feminina de língua
inglesa: Dickinson, Plath e Moore**

Gleicienne Fernandes (Org.)

Poesia traduzida

Sônia Queiroz (Org.)

**Tradução: literatura e
literalidade - Edição bilíngue**

Octavio Paz

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis também
em versão eletrônica no *site*: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

Composto em caracteres Verdana e impresso a *laser* em papel reciclado 75 g/m² (miolo). Acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.